



Reginaldo Manente

"A saída é negociar"

Cheysson: o País recupera investimentos

O ex-chanceler francês e comissário da Comunidade Econômica Européia (CEE) para a América Latina, Claude Cheysson, um dos nomes cotados para ocupar a diretoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) no lugar de Jacques De Larosière, disse ontem, numa reunião com empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que os investimentos vão voltar para o Brasil. Segundo Cheysson, esse retorno é uma questão de tempo, dependendo apenas de que a política econômica do País assuma linhas mais definidas.

O comissário da CEE negou que as freqüentes mudanças que ainda ocorrem na economia brasileira levem a uma falta de credibilidade do investidor estrangeiro. Para Cheysson, a credibilidade "é um elemento, mas não é o caso brasileiro". E acrescentou: "Não falei em credibilidade, mas em inquietação. Porque, para quem olha lá de fora ainda existe um panorama de alterações (na política econômica) aceleradas. Por isso, ele acredita que os investidores "vão esperar um pouco mais para ver o que vai acontecer".

Cheysson disse ainda que, no plano internacional, outro fenômeno está sugando capitais: as altas taxas de juros. "Esse fator está desviando grandes investimentos para a especulação financeira", afirmou.

TECNOLOGIA

Cheysson criticou (coisa que tem sido enfatizada pelos empresários americanos sediados no Brasil) o "mercado fechado" do País. Ele ressaltou que esse fenômeno não vem com o Piano Cruzado, mas já dos tempos da industrialização. Disse que se os brasileiros quiserem participar ("têm condições e vão querer", frisou Cheysson) do desenvolvimento em alta tecnologia terão que mudar esse quadro. Mas ele acredita que isso deverá ocorrer normalmente durante o processo de troca de tecnologia, onde prevalecerá a relação empresa-empresa.

Claude Cheysson salientou, ainda, que não havia tocado na questão da informática por uma razão muito simples: porque os brasileiros são muito nacionalistas, mas não mais que os franceses. "E eu não gostaria de ver um estrangeiro falando deste ou daquele assunto no nosso país", disse. Mas afirmou que existe uma lei no Brasil e ela deve ser aplicada sem restrições a este ou aquele país, esta ou aquela empresa. Cheysson também deixou claro que esse assunto não diz respeito (nem influenciaria) à renegociação da dívida externa que, para ele, será bastante difícil. "Mas a saída é negociar, negociar, negociar", com o FMI, com o Clube de Paris, concluiu.